



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Vanessa Rosa da Costa

**IDENTIDADE RACIAL DOCENTE:  
Trajetórias e desafios percorridos**

Porto Alegre  
1.Semestre  
2016

Vanessa Rosa da Costa

**IDENTIDADE RACIAL DOCENTE:  
Trajetórias e desafios percorridos**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher.

Porto Alegre

1. Semestre

2016

## CIP - Catalogação na Publicação

Costa , Vanessa Rosa da  
IDENTIDADE RACIAL DOCENTE: Trajetórias e desafios  
percorridos / Vanessa Rosa da Costa . -- 2016.  
42 f.

Orientadora: Gládis Elise da Silva Pereira  
Kaercher.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,  
BR-RS, 2016.

1. Identidade docente. 2. Raça. 3. Docência negra.  
I. Kaercher, Gládis Elise da Silva Pereira, orient.  
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Vanessa Rosa da Costa

**IDENTIDADE RACIAL DOCENTE:  
Trajetórias e desafios percorridos**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 27 de Junho de 2016.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher.- Orientadora FACED/UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Beatriz Meinerz – Banca FACED/UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nalú Farenzena – Banca FACED/UFRGS

*Ao concluir este Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no período de 2016/1, quero agradecer...*

*... à Deus pela vida saudável que tenho para dedicação da vida acadêmica;*

*... à minha Família pelo possível apoio que me deram ao longo desses cinco anos de estudos na faculdade, pela educação, respeito e generosidade ao próximo que foi-me dada;*

*... à minha terapeuta Patrícia que em momentos turbulentos me apoiou constantemente, não me deixando em nenhum momento desistir de meus sonhos;*

*... aos meus Professores da Graduação que sempre me incentivaram a buscar mais conhecimento e refletir sobre meu posicionamento na sociedade quanto educadora e estudante negra;*

*... aos meus amigos que nos momentos difíceis me ajudaram a permanecer com motivação para finalizar o curso e alcançar meu sonhado objetivo;*

*... à minha Orientadora Gládis que desde o início dos trabalhos de pesquisa sobre negritude no curso UNIAFRO até esta presente monografia, me estendeu a mão e me apoiou em muitos momentos de dificuldade, sempre acreditando em meu potencial quanto aluna do curso de Pedagogia e Professora, me orientando de forma objetiva e maravilhosa;*

*... à Banca Avaliadora Carla e Nalú, por ter aceito o convite de participar da minha avaliação para a obtenção do título de Licenciada, em que ambas professoras participaram também de meu processo de formação e pesquisa na Universidade, me estimulando a escrever com dedicação e respeito a minha temática de escolha.*

O processo de identificação é a busca pela compreensão sobre nós mesmos por meio de símbolos e formas de como os outros nos vêem. (WOODWARD, 2000, p.64)

## Resumo

Esta monografia buscou investigar a relação entre os conceitos de identidade racial e identidade docente negra, apresentando implicações destes para o exercício de docência de três professoras negras dos anos iniciais, que trabalham em instituições de ensino nos âmbitos público e privado nas cidades de Porto Alegre/RS e Canoas/RS. Tomando como base teórica aportes da área dos Estudos Culturais da Educação para delimitar os conceitos de raça, identidade e docência, buscou-se compreender *como a identidade racial se relaciona com a identidade docente e quais implicações essa relação traz ao exercício de docência de professoras negras*. Usando como metodologia a inspiração de um estudo de caso, com cunho qualitativo, materializado através de uma análise cultural que usou como instrumentos um questionário estruturado, um auto-retrato e quatro artefatos culturais (chapinha elétrica para cabelo, creme para pentear cabelos cacheados, boneca Susie e conjunto de giz de cera profissional UNIAFRO/Print Kor), realizou-se a análise dos dados que permitiu o estabelecimento de cinco categorias: a importância da qualificação profissional das professoras negras e seu protagonismo pedagógico, a percepção do racismo como fenômeno imutável, a fragilização da autoridade pedagógica do docente negro em virtude da negritude, a importância do auto-reconhecimento e a centralidade do cabelo para a auto-afirmação da identidade docente negra.

**Palavras-chave:** Identidade docente. Raça. Docência negra.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Artefato Cultural Boneca Susie.....	25
Figura 2 - Artefato Cultural Chapa de alisar cabelos.....	25
Figura 3 – Artefato Cultural Creme para Cabelos Cacheados.....	25
Figura 4 – Artefato Cultural Caixa de Giz UNIAFRO.....	25
Figura 5 - Auto-retrato da Professora Oxún Pandá.....	31
Figura 6 – Auto-retrato da Professora Oxún Docô.....	31
Figura 7 – Auto-retrato da Professora Nanã.....	31



## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTANDO A CAMINHADA.....</b>	<b>10</b>
<b>2 MAS AFINAL, O QUE É RAÇA MESMO?.....</b>	<b>12</b>
2.1 E no Brasil, como a Raça é vista?.....	13
<b>3 E IDENTIDADE?.....</b>	<b>15</b>
<b>4 QUAL IDENTIDADE RACIAL DOCENTE QUE TENHO?.....</b>	<b>17</b>
<b>5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>19</b>
5.1 O Caminho Percorrido.....	19
5.2 Professoras Negras: sujeitos de investigação.....	21
5.3 Instrumentos Metodológicos: Porque é preciso indagar e desacomodar.....	23
5.4 Base das Indagações.....	26
<b>6. MINHAS DESCOBERTAS.....</b>	<b>27</b>
6.1 Professora Negra: “a protagonista pedagógica”.....	27
6.2 A Imutabilidade do Racismo: “sempre existiu, existe e existirá”.....	28
6.3 “Desde quando uma negra questiona um professor assim?”.....	29
6.4 É assim que eu me reconheço.....	30
6.5 Cabelo dá Legitimidade? Mais ou menos negro, liso, cacheado.....	32
<b>7. O FIM DO PERCURSO.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE 1- Termo de Consentimento informado às professoras.....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE 2 - Questionário dado às professoras, sujeitos de pesquisa.....</b>	<b>39</b>

## 1. APRESENTANDO A CAMINHADA

Minha monografia teve como objetivo investigar e analisar a relação dos conceitos de Identidade Racial e Docência Negra presentes nas identidades de três professoras dos anos iniciais, que atuam em escolas públicas e privada dos municípios gaúchos de Porto Alegre/RS e Canoas/RS. O caminho que tomei para a escolha do tema surgiu através da minha inserção como professora negra em diferentes espaços escolares sendo eles: meu estágio obrigatório do curso de licenciatura em Pedagogia feito em uma escola da rede pública federal e contratação como auxiliar de ensino em duas escolas da rede privada. Durante as experiências como professora, pude perceber o quanto minha identidade racial docente estava inserida em meu fazer pedagógico, ou seja, interferiu em minha ação educativa em sala de aula, com relação aos olhares presentes dos indivíduos que circulavam nesses espaços escolares, como também, nos discursos que lá permeavam e as condições de autoridade docente adquiridas.

A concepção de Identidade Racial Docente é algo que vem sendo discutido há poucos anos: ela é produzida em momentos de falas, cenas e episódios que ocorrem dentro dos espaços sociais, escolares ou não, nos quais, estão presentes sujeitos considerados diferentes do padrão de branquidade. Assim esses indivíduos considerados “diferentes” são classificados como negros ou pardos e tornam-se alvos de discursos que contribuem para a construção de suas identidades docentes em relação às suas identidades raciais. Dessa forma, considero imprescindível discutir os conceitos de *Identidade, Raça e Docência* para que se possa compreender como essas definições implicam no exercício pedagógico de sujeitos trabalhadores em educação, que atuam em sala de aula.

Nesse sentido, usei um questionário estruturado respondido por três professoras das redes públicas e privada de Porto Alegre/RS e Canoas/RS, observações, análises e leituras acadêmicas para verificar como suas identidades raciais docentes estiveram/estão implicadas em seus fazeres pedagógicos em sala de aula. Com base em minhas experiências, vivências escolares, profissionais e em minhas inquietações durante o estágio de docência, construíram-se as minhas questões de pesquisa: *Como a identidade racial se relaciona com a identidade*

*docente? Quais implicações essa relação traz ao exercício de docência de uma professora negra?*

Para poder encontrar as respostas a esses questionamentos, tive que me apropriar de leituras e conceitos sobre *Identidade, Raça e Docência Negra*, construindo a escrita de capítulos que estão presentes ao longo desta monografia. Essas escritas tiveram como base teórica autores da área dos Estudos Culturais em Educação, sendo os principais deles: Gládis Elise Pereira Kaercher (2005 e 2010), Antônio Sérgio A. Guimarães (2002), Kathryn Woodward (2000), Nilma Lino Gomes e Petronilha B. G. e Silva (2002) , Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012) , dentre outros.

Buscando tornar este estudo uma contribuição para a área da educação, em especial a Educação para as Relações Étnico-raciais e a Formação de Professores, apresento minha investigação.

## 2. MAS AFINAL, O QUE É RAÇA MESMO?

A partir de leituras e reflexões sobre o conceito de raça, pude compreender que seu significado está diretamente articulado ao processo de construção das diferenças raciais, pois ao identificar um sujeito pertencente a uma determinada raça, se estabelece a classificação deste a um determinado grupo social estereotipado. Assim, a cor de pele se torna um fator que estabelece a categorização desses sujeitos, porque os conduz a uma determinada pertença racial, formando um padrão de cor para este grupo.

Segundo o que o autor Antônio Sérgio Guimarães (2002) aponta, devemos ter um olhar sociológico para o conceito de raça, percebendo-o a partir da noção de auto-identificação do sujeito, ou sentimento de pertença, algo que denota seu caráter de construção social. Dessa forma, o sujeito terá o direito de se auto-identificar a uma pertença racial, desde que esteja consciente que essa classificação está interligada a um fator de diferenciação que foge de um padrão socialmente construído, como por exemplo, a noção de cor. Assim, na sociedade brasileira o padrão estipulado como racialmente central é o de branquidade, e, portanto, quem foge desse padrão é classificado como minoria, como diferente, como é o caso dos negros e pardos.

O autor Guimarães (2002) ainda ressalta a idéia de que a cor é um fator determinante para o surgimento de desigualdades e discriminação, porque ao taxar um indivíduo como diferente, este se torna alvo social de desrespeito pelos demais sujeitos, por sair da padronização criada para categorizar esses sujeitos. Assim, quem é negro sempre será visto com um olhar muito mais aguçado em diferentes lugares sociais, diferentemente dos brancos que passam despercebidos e não são alvos de discriminação.

Acrescento a esta discussão, o posicionamento da autora Kaercher (2005) quando esta diz que a raça é um construto social que classifica os sujeitos, implicando no processo de construção de diferenças raciais na sociedade. Sendo assim, ao se ter bem claramente a raça ao qual cada sujeito pertence, constrói-se juntamente a ideia de racismo e diferença, hierarquizando indivíduos conforme sua cultura, classe e gênero. Desse modo potencializa-se a diferença como um marcador, pois

[...] o conceito de raça permite a compreensão de que realizar a desigualdade complexifica e amplia nossa capacidade de analisar as diferenças e os modos como elas são construídas e representadas na cultura. (KAERCHER, 2005, p. 105).

Logo compreendo a diferença racial como culturalmente construída e imbricada na identidade docente e, para melhor compreendê-la analiso mais detalhadamente a seguir, o cruzamento dos conceitos de raça, identidade e docência negra, mostrando o quanto seus significados são fatores importantes para o processo de pertença racial do sujeito que atua diretamente em sala de aula.

### *2.1 E no Brasil, como a Raça é vista?*

No Brasil, o conceito de Raça opera de modo a situar os sujeitos, ensinando o que significa ser negro através de mecanismos como a Pedagogia da Racialização, que se implementa através da cultura. Podemos compreendê-la como um *“conjunto de discursos e práticas que se imprimem aos corpos”*.(KAERCHER, 2010, p.86). de modo a promover desigualdades, hierarquizando diferenças com intencionalidades e fins estabelecidos para favorecer a diferentes sujeitos, em detrimento de outras. Assim, no Brasil com a Pedagogia da Racialização fica resumido o conceito de raça características fenotípicas dos indivíduos, sua cor de pele, seu tipo de cabelo, estabelecendo, portanto, um processo de demarcação dos sujeitos por esses traços visíveis pelo olhar da sociedade.

Desse modo, penso que um indivíduo que é observado, notado, identificado pelo outro através de sua raça, é significado a partir do olhar do branco, tomando esse processo como algo natural e demarcado pelos traços visíveis do sujeito, definindo sua pertença racial a partir desse olhar, que se modifica dentro de cada contexto, tempo e espaço situando e classificando o não-branco, a partir dos lugares nos quais circulam. Assim, entendo que a pertença racial no Brasil está condicionada a fatores externos com relação à raça. Então, no Brasil, um sujeito negro visto na posição de rico, famoso, belo e saudável teria sua pertença racial – por não ser fixa – percebida como se classe e demais atributos tornassem esse indivíduo branco, pois essa posição de riqueza, poder e beleza não se articula a um

espaço pertencente ao negro. Dessa forma, acredito que um sujeito negro não é visto como negro, mas ele é tolerado pelo seu status hierárquico que ocupa.

Portanto o conceito de raça como compreendido no Brasil me permite analisar como as professoras negras, sujeitos dessa pesquisa, interpretam sua pertença racial e como percebem em seu exercício de docência sua presença. Assim, poderei ter uma noção de como o conceito de raça é visto por elas e pelos outros que as vêem , considerando importantes os fatores fenotípicos que carregam em seus corpos para esta análise.

### 3. E A IDENTIDADE?

A identidade é marcada por categorias que potencializam a diferença: uma delas é a raça. Assim, a identidade é relacional, se desloca quando acrescentamos mais categorias à sua compreensão e, portanto, ela adquire sentido na linguagem social e nos sistemas simbólicos nos quais é representada. Essa representação classifica o mundo e suas relações e os sujeitos através de grupos sociais, famílias, escola, espaços sociais de interação. Assim a identidade de pessoas negras, vistas em determinados lugares privados com status de riqueza, por exemplo, pode ser mais ou menos considerada, mais ou menos respeitada e tida como importante.

Após me apropriar do estudo sobre identidade tomando como ponto de partida o pensamento da autora Kathrin Woodward (2000), percebo que a identidade não é fixa e imutável, envolve o contexto histórico social dos sujeitos, pois vincula-se as condições sociais e materiais de um determinado grupo marcado por uma representação. No caso específico das identidades docentes aqui analisadas, a marca da cor.

Sendo assim, argumento que se o sujeito não for do padrão de branquidade criado, será socialmente excluído e terá desvantagens que poderão incidir sobre sua atuação profissional, neste caso a docente.

A autora Woodward (2000) ainda ressalta que a representação é um processo cultural, que estabelece identidades individuais e coletivas e que os significados construídos através dela ajudam na percepção de quem são os sujeitos, o que querem ser e como se auto identificam. Desse modo os discursos ajudam os indivíduos a se posicionarem e falarem sobre suas pertenças raciais. Pois eles são identificados pela ausência ou similaridade de um marcador, neste caso na discussão aqui presente, a raça, possibilitando aos sujeitos que se situem racialmente, por oposição: “ *Sou negro porque não sou branco. Sou negro porque tenho o tom de pele escura*”.

Dessa forma, posso afirmar que a identidade também tem relação com o exercício de docência de uma professora negra, pois ao se auto-identificar com uma pertença racial ela poderá construir um fazer pedagógico pautado por esta identidade, composto de muitos símbolos de representações positivadas de si mesma, potencializando em sua ação pedagógica na sala de aula, atividades, projetos e discussões que estimulem a descoberta das identidades raciais dos

alunos, de forma que eles mesmos possam construir sentidos positivados da pertença racial negra. Assim, se torna importante que os professores negros, sujeitos com história de vida, identidade, valores, crenças, experiências e costumes entrem na escola e permeiem, pelas diferenças e semelhanças que compõem a diversidade escolar. (GOMES; SILVA, 2002).



#### 4. QUAL IDENTIDADE RACIAL DOCENTE EU TENHO?

Discuto nesse capítulo a relação da identidade docente ao conceito de raça. Para que essa discussão pudesse ser tomada, tive que estudar e me apropriar de idéias que tivessem conexões coerentes com os capítulos anteriores, tomando como base o pensamento de que o exercício de docência de uma professora negra em relação a sua identidade racial pudesse ser identificado.

Assim, quando uma professora negra demarca sua pertença racial, isto perpassa o seu fazer pedagógico, o que acredita e os objetivos sócio-políticos que desenvolve com seus alunos em sala de aula. Um exemplo a ser dito é quando a professora negra trabalha em sala de aula com crianças o conceito de identidade racial. Se ela tem claro para si mesma a raça a que pertence, o conhecimento sobre o conceito, ficará mais facilitado de potencializar em sua sala de aula discussões, atividades que desenvolvam nas crianças esse processo de auto-identificação. Entretanto, se a pertença racial da professora negra não estiver explicitada para ela própria e para os alunos, provavelmente ela encontrará dificuldades de trabalhar projetos relacionados ao conceito de raça em sala de aula, lhe proporcionando dúvidas e incertezas com o surgimento de indagações dos alunos.

Dessa forma, é necessário que o docente negro esteja atento e possa se dar conta que a diversidade étnico-cultural pode ser entendida como um importante desafio para o educador em sala de aula e como uma competência pedagógica a ser construída e praticada por ele (GOMES; SILVA, 2002). Assim, o docente negro deve buscar estratégias e alternativas de trabalho nas quais o conceito de identidade racial se torne significativo para as crianças e as auxilie em seu processo de identificação racial nos espaços nos quais circulam.

Outro fator importante que discuto aqui é a participação dos professores negros no âmbito educacional, onde passam e vivenciam relações sociais ligadas à escola e seu fazer pedagógico. Pois, o espaço escolar é um espaço de construção de relações e ao mesmo tempo de surgimento de práticas seletivas, fragmentadas, corporativistas e racistas (GOMES; SILVA, 2002). Desse modo, acho importante que a professora negra reconheça que trabalhar os conceitos de raça e cor poderá melhorar seu processo de formação como também relacionar esses conceitos ao conhecimento educacional e social, introduzindo aos seus alunos uma visão positivada da identidade racial negra.

Portanto, creio que uma professora negra que toma sua identidade racial como um marcador cultural que a representa, se torna um sujeito de ação na escola, estabelecendo-se como símbolo e referência positiva da pertença racial negra. Nesse sentido, tomo a idéia da autora Kaercher (2010) quando salienta que nossa identidade racial é multidirecional, não linear, que mistura nosso desejo de pertencimento racial com possibilidades momentâneas e negociáveis. Assim, a professora negra que se identifica como negra irá ser vista socialmente pelo seu desejo de pertença racial, através de seus posicionamentos discursivos, mas também através de elementos fenotípicos e culturais como a sua cor, modo de vestir, fala, cabelo, traços e marcas visíveis pelos olhos da sociedade ao qual pertence.

## 5. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste capítulo descrevo detalhadamente a trajetória metodológica que construiu este estudo de caso, assim como apresento os sujeitos de pesquisa, educadoras de diferentes instituições de ensino que se auto-identificaram durante meu processo de investigação quanto a sua pertença racial.

### 5.1 O Caminho Percorrido...

Minha pesquisa consiste em uma análise cultural, com inspiração de um estudo de caso, e se ampara nas abordagens pós-estruturalistas e pós-críticas. Neste sentido, se delimitou a partir do campo dos Estudos Culturais.

Tomou como instrumentos metodológicos leituras, questionário estruturado, artefatos culturais, observações e análises. Ao descrever os dados produzidos e empreender as análises, procurei construir um estudo de caso sólido, precioso, baseando-me em encontrar evidências que me comprovassem o cruzamento de informações, hipóteses, descobertas, situações variadas (LÜDKE; ANDRÉ, 1988). Mas também, abri os espaços imprevistos: os silêncios das entrevistadas, as dúvidas e os questionamentos acerca dos próprios instrumentos escolhidos, para poder pensar as variações e imprevisibilidades do caminho investigativo.

Dessa forma, a partir das evidências encontradas realizei minha pesquisa envolvendo a aplicação de um questionário estruturado a três professoras dos anos iniciais, que trabalham em diferentes instituições de ensino de caráter público e privado situadas nos municípios de Porto Alegre/RS e Canoas/RS. Escolhi as três professoras com diferentes períodos de experiência de carreira de magistério e que fenotipicamente fossem consideradas pela sociedade como negras.

Minha investigação abordou a identidade racial de professoras negras, a fim de investigar e analisar a relação dos conceitos de identidade racial e identidade docente presentes nas identidades dessas três professoras que responderam ao questionário. Deste modo construí leituras sobre seus fazeres pedagógicos em sala de aula, relacionando-os com suas identidades raciais, pois como ensina GOMES e SILVA:

[...] a diversidade étnico-cultural começa a ser reconhecida como uma questão (mais do que temática) que precisa ser articulada a formação de professores/as e às práticas educativas escolares e não escolares. (GOMES e SILVA: 2002, p. 17)

Desse modo, as identidades raciais das professoras são algo que aparece no desenvolver de suas práticas pedagógicas em sala de aula, mesmo que estas não percebam sequer sua existência.

Percebi que para descobrir a relação da identidade racial com o exercício de docência das professoras negras, seria necessário que eu potencializasse no meu questionário indagações que permitissem que as professoras fossem desafiadas a pensar em suas próprias identidades raciais. E que pudessem responder de forma honesta, as perguntas por mim realizadas sem constrangimento. Neste sentido, minha atenção e concentração se voltaram totalmente para suas respostas, me tornando uma observadora atenta dos seus discursos, dos sentidos que surgissem naquele momento. Nesse contexto, trago como apoio a idéia de FREIRE, 2008 em que salienta a importância durante uma observação do pesquisador em ter “[...] *uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história*”. (FREIRE, 2008 p.46). Assim, ao tomar esse posicionamento pude atentar-me a detalhes precisos e variados que me trouxeram elementos instigantes acerca das possíveis respostas ao meu problema de pesquisa.

Outro fator importante a se considerar, é que minha pesquisa tem cunho qualitativo e, portanto, não se debruça sobre uma ampla gama de dados, mas pretende esmiuçá-los aprofundadamente, tendo o compromisso de compreender que “[...] *discursos, incluindo aqueles que são objetos de nossa análise e o próprio discurso que construímos como resultado de nossas investigações, são partes de uma luta para construir a versões de verdade*”. (PARAÍSO, 2012, p.27).

Dessa maneira, minha investigação teve que chegar a resultados que mostrassem a versão da verdade, onde cada professora apresentasse seu posicionamento a respeito de sua auto-identificação racial, mas, tomando a provisoriedade de suas colocações e de minhas reflexões sobre elas. A versão da verdade que aqui exponho é contingente, provisória e parcial. É uma das verdades às quais me foi possível chegar.

Diante desse caminho metodológico, construí um questionário estruturado e organizado, que pudesse me dar subsídios para minha pesquisa e análise, onde as três professoras entrevistadas se sentissem a vontade para responder minhas indagações. Pois assim, pude ter a oportunidade de obter dados preciosos de análise a partir das respostas escritas apresentadas pelos sujeitos de pesquisa.

Introduzi juntamente com o questionário, artefatos culturais que remetesse as entrevistadas à temática racial. Foram tomados como desencadeantes do questionário. Ao escolhê-los, as professoras identificavam quais objetos que mais facilitavam para elas a sua auto-identificação de pertença racial. Os artefatos culturais escolhidos foram uma boneca branca da marca Susie, um creme para cabelos cacheados, uma “chapinha” para cabelo (aparelho de alisar cabelos) e uma caixa de giz de cera de diferentes tons de pele da marca Pint Kor/UNIAFRO, lançados recentemente. Escolhi estes artefatos por considerá-los potentes para “fazer dizer” acerca da pertença racial, também por crer que “[...] *existe uma pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais [...]*”. (PARAÍSO, 2012, p.24).

Desse modo, os artefatos culturais escolhidos me deram pistas de como as entrevistadas viviam sua pertença racial e tomaram “*base naquilo que conseguimos ver e significar com as ferramentas teóricas analíticas-descritivas que escolhemos operar*”. (PARAÍSO, 2012, p.28).

## 5.2 Professoras Negras: sujeitos de investigação

Para apresentar meus sujeitos de investigação, resolvi nomeá-las através de uma analogia com as Orixás femininas da religião de matriz africana Kandomblé. Trago para melhor visualização do leitor deste trabalho, um quadro comparativo com marcadores iniciais das professoras, preservando suas identidades reais. Dessa forma, apresento neste quadro dados de idade, formação, tempo de exercício de docência, tipo de escola e pertencimento racial auto-declarado pelas entrevistadas. Para respeito e preservação da identidade das professoras, escrevo nomes com significados africanos para me referir a cada uma delas. Assim, abaixo

trago o quadro comparativo, para refletir sobre seus dados iniciais de apresentação das professoras:

<b>Nome</b>	Oxun Pandá	Oxun Docô	Nanã
<b>Idade</b>	26 anos	35 anos	46 anos
<b>Formação</b>	- Magistério -Pedagogia presencial em universidade privada; - Mestre em educação em universidade privada.	- Magistério; - Pedagogia EAD em faculdade privada.	- Magistério; -Pedagogia presencial em universidade pública federal; - Mestre em educação em universidade pública federal.
<b>Tempo de trabalho</b>	5 anos	10 anos	19 anos
<b>Escola</b>	Pública de Canoas/RS	Privada de Porto Alegre/RS	Pública de Porto Alegre/RS
<b>Raça</b>	Negra	Negra	Negra

Analisando os dados iniciais das três professoras participantes desta pesquisa, nota-se com relação a suas idades que há uma diferença, em ordem crescente, de em torno de 10 anos de uma para outra, dado que permite situá-las em três gerações distintas. Com relação aos outros dados, todas as três professoras são formadas em Magistério (Ensino Médio) e Pedagogia (Ensino Superior), declaram-se pertencentes à raça negra, sendo que duas delas (Oxun Pandá e Nanã) têm o título de Mestre em Educação, trabalham em escolas públicas de Canoas/RS e Porto Alegre/RS e uma delas (Oxun Docô) obteve o título de

graduação na modalidade de Educação à distância (EAD), trabalhando em uma escola da rede privada de Porto Alegre/RS.

### *5.3 Instrumentos Metodológicos: Porque é preciso indagar e desacomodar...*

A entrevista que apresento abaixo serviu para potencializar os discursos das três professoras participantes da pesquisa acerca de suas identidades raciais e docentes, bem como das interfaces entre ambas. Meu objetivo ao formulá-la era possibilitar que as entrevistadas falassem livremente e de modo direto sobre ambas as identidades (racial e docente). Lembro que durante a realização por parte das professoras das escritas no questionário estruturado, tive o papel de observá-las, acompanhando-as para o esclarecimento de eventuais dúvidas perante as questões e seu desenvolvimento, sem interferir em suas respostas. O questionário entregue foi o seguinte:

*1. Assinale, qual seu pertencimento racial?*

*( ) BRANCA ( ) NEGRA ( ) PARDA ( ) OUTRO*

*2. Você acha que seu pertencimento racial lhe define como sujeito na sociedade? Por quê?*

*3. Você lembra como se sentia em relação ao seu pertencimento racial na infância?*

*4. Como é a relação com sua família a respeito da seu modo de identificação racial?*

*5. Em sala de aula, quando você se apresenta aos alunos como se define racialmente? Por quê?*

*6. Você trabalha com a temática de identidade racial na sua escola? De que forma?*

*7. Você sente dificuldade em trabalhar esta temática em sala de aula? Por quê?*

- 8.** *Você já sofreu discriminação racial durante ou após sua formação acadêmica? De que maneira?*
- 9.** *Em algum momento de sua carreira você sentiu alguma decisão pedagógica sua ser questionada por critérios não pedagógicos?*
- 10.** *Sua autoridade docente já foi desconsiderada em função da sua pertença racial? Como?*
- 11.** *Você já presenciou em sua sala de aula algum tipo de discriminação racial entre os alunos? Como você lidou com a situação?*
- 12.** *Se você pudesse fazer algo diferente a respeito dessa temática, o que faria? Por quê?*
- 13.** *Trouxe alguns artefatos para conversarmos sobre a sua identidade racial. Com qual ou quais destes objetos você se identificaria? Por quê?*
- 14.** *Faça um pequeno auto-retrato seu usando estes materiais que aqui disponibilizo. (Com Giz de cera Pint Kor/ UNIAFRO).*

Além das questões escritas, foram escolhidos quatro artefatos culturais que remeteram à auto-identificação racial das professoras Oxún Pandá, Oxún Docô e Nanã. As suas justificativas de escolha por esses materiais serão apresentadas durante as análises desta monografia. A seguir apresento os artefatos para melhor visualização e compreensão do leitor:





**Figura 1** – Boneca Susie  
Fonte: Acervo pessoal



**Figura 2** – Aparelho de alisar cabelos  
Fonte: Acervo pessoal



**Figura 3** – Creme para cabelos cacheados  
Fonte: Acervo pessoal



**Figura 4** – Giz de cera Pint Kor /UNIAFRO  
Fonte: Acervo pessoal

#### *5.4 Base das indagações*

As questões descritas acima foram feitas com o objetivo de que as professoras Oxún Pandá, Oxún Docô e Nanã pudessem responder, pois para encontrar informações sobre os sujeitos de pesquisa foi necessário usar não somente o questionário por elas respondidas, como também a descrição das narrativas das professoras, leituras de referenciais teóricos, fotografias dos artefatos culturais escolhidos e auto-retratos, observações, registros, construção de reflexões, dentro outros. Sendo assim, creio que todo esse conjunto de informações foi necessário para que se construísse uma pesquisa rica em dados, elementos que mapeassem essas três professoras com relação às identidades raciais que as constituem e seus fazeres pedagógicos propostos em sala de aula.

Logo, a partir desses apontamentos, descrevo a seguir minha análise a respeito do questionário aplicado, relacionando as respostas obtidas com os sujeitos participantes da pesquisa.

## 6. MINHAS DESCOBERTAS

Este capítulo descreve minhas análises perante as respostas escritas nos questionários das professoras *Oxun Pandá*, *Oxun Docô* e *Nanã respectivamente*. Divido minhas descobertas em cinco categorias de análise que serão: *Professora negra: “a protagonista pedagógica”*, *a Imutabilidade do Racismo: “sempre existiu, existe e existirá”*, *“Desde quando uma negra questiona um professor assim?”* e *É assim que me reconheço*. Essas categorias emergiram das falas e desenhos das pesquisadas.

### 6.1 Professora negra: “a protagonista pedagógica”

Diante da leitura do questionário aplicado à professora Oxún Pandá, percebi que ela demonstrou argumentações preciosas descritas a seguir: percebeu-se negra, tem a necessidade de uma maior formação pedagógica sobre a questão racial, estudou em escola e universidade privada pagas, escolheu o artefato creme para cabelos cacheados para mostrar sua identidade racial, trabalha o tema Diversidade em sala de aula. A professora não sentiu ao longo de sua formação nenhuma discriminação e sim presenciou o racismo dentro de sua sala de aula, discutindo-o com os alunos, experiência da qual, nas suas palavras, todos “saíram vivos”, expressão que evidenciou seu desconforto em lidar com o assunto ante o fato de os alunos serem pequenos pra falar sobre a questão racial.

Entretanto, Oxún Pandá sentiu-se discriminada diretamente pelos seus colegas de trabalho, apontando que a equipe diretiva a considerava uma professora “metida” por ser negra e ter uma formação de pós-graduação. Isso ocorria segundo ela, durante situações nas quais falava seu ponto de vista nas reuniões pedagógicas que ocorriam na escola onde trabalhava.

Sendo assim, nota-se um atravessamento na inclusão da professora Oxún Pandá durante sua educação inicial e superior pela relação de Classe e Raça, pois mesmo sendo negra, os lugares que freqüentou durante sua formação eram, conforme já discutido por mim nessa investigação, ambientes pertencentes a pessoas brancas e ricas. Dessa forma, circulando por esses lugares, Oxum Pandá era branqueada pelas pessoas que faziam parte desse espaço e vista como alguém que tinha condições de estar ali. Nesse sentido, aponto a idéia de que a classe pode

mudar a identidade racial do sujeito ao longo de sua vida, pois, um indivíduo negro rico ou com condições suficientes de frequentar espaços de brancos, se torna branco também, provando que ‘o dinheiro branqueia’ “e” ‘o preto rico é branco’. (MUNANGA, 2004, p.96).

Outro fator que também chama atenção perante as respostas da professora Oxún Pandá é que ela e os alunos “saíram vivos” durante uma discussão com relação a um fato de discriminação que ocorreu em sala de aula com crianças pequenas. Parece-me que a professora tem receio de comentar sobre a questão racial em sua sala de aula pelo motivo dos alunos serem pequenos. No entanto, preocupa-se em ter formação necessária para a abordagem da temática de raça. Assim, Oxún Pandá tem dificuldades de falar com apropriação a respeito da temática racial aos alunos pequenos, demonstrando que racismo e pertença racial podem ser temas deixados de lado quando se está educando a pequena infância.

Também considero importante relatar que a professora Oxún Pandá sofreu real discriminação, percebida por ela, em seu ambiente de trabalho pela equipe diretiva que a considerava uma professora negra “metida”, por ser alguém que exercia certo protagonismo pedagógico nesse espaço educacional. Desse modo, percebo aqui um olhar que se direciona ao negro, como se ele não pudesse opinar e integrar as discussões sobre assuntos pedagógicos de uma escola. Cabe questionar: se a professora Oxún Pandá fosse branca, será que ela seria considerada uma professora metida nesse ambiente de trabalho escolar?

## 6.2 A Imutabilidade do Racismo: “sempre existiu, existe e irá existir”

Perante a leitura do questionário aplicado à professora Oxún Docô, percebi que esta se considerou negra, não trabalha em sala de aula com a temática racial, segue o ritmo conteudista da escola, percebeu discriminação durante sua infância e não na fase adulta, escolheu o artefato cultural do giz de cera tons de pele Pint Kor/UNIAFRO, acha que o racismo é igual ao conceito de “Bulling” e, sobretudo, que esta parece conformar-se com o racismo ao afirmar que este “sempre existiu, existe e existirá”, comentando que o racismo existe entre os próprios alunos negros e que seus alunos atuais ainda utilizam o lápis salmão para pintar seu tom de pele. Sendo assim, nota-se que Oxún Docô ainda não tem muito claro para si os conceitos de raça, bem como não percebe o processo de racialização ao qual está

submetida, visto que perante suas respostas, ainda fica vago vários de seus significados.

Outro fator necessário a ser discutido aqui é que a Professora Oxún Docô acredita que o racismo nunca vai ser extinto, não compreendendo que as leis atuais como a lei 10.639/03 e políticas públicas existentes, incentivam os professores a lutar por uma educação anti-racista, que promova igualdade de condições de acesso e educação a todos. Dessa forma, Oxún Docô, ainda argumenta que racismo é igual a “*Bulling*”, pois era deste modo que sofria na escola quando pequena.

Aponto que ambos os conceitos - de Racismo e *Bulling* - tem diferentes significações na língua portuguesa, estando um conceito ligado diretamente à raça, cor do sujeito e o outro a traços fenotípicos que vão além da cor e raça, podendo estar juntos a determinadas situações cotidianas na escola e na infância, ou não. Como também podem estar separados apontando os processos como distintos, mas que ambos podem levar um mesmo sujeito a ser alvo de intimidação e sofrimento.

### 6.3 “*Desde quando uma negra questiona um professor assim?*”

Com relação à leitura do questionário aplicado a professora Nanã, compreendi que ela percebeu-se negra, militante e feminista; é uma pesquisadora das questões raciais e formadora de professores para a EREER - Educação das relações étnico-raciais, ela escolheu o creme para cabelos cacheados como marcador identitário, tem conhecimentos transgeracionais familiares e múltiplos em relação a sua pertença racial, ou seja, desde a infância a temática está presente em seu cotidiano familiar de diferentes formas como religião, linguagem e vestimentas. Também descreve em suas respostas que se adorna, vestindo-se conforme sua pertença racial, fato que a fez se perceber causando estranhamento na sociedade com relação a esta forma de se definir como negra, tendo uma estética africana marcada e mais visível por causa de suas vestimentas.

Entretanto, o que mais me impressionou em suas respostas, foi que Nanã além de sentir dificuldade em trabalhar a temática, mesmo tendo formação acadêmica a respeito, relatou um momento de questionamento feito por um colega

professor a respeito de sua autoridade de gestora em uma escola da rede pública perante seus colegas de trabalho: *“Desde quando uma negra questiona um professor assim?”*

A professora Nanã respondeu da seguinte maneira: *“ Desde quando a negra é supervisora”*. Assim, pude notar que Nanã teve que se posicionar perante seu colega com mais autoridade, pela falta de respeito a sua posição/status no trabalho, para que ele compreendesse seu papel naquele momento já que determinados poderes e papéis *“[...] em muitos casos pode (para brancos) ou não pode (para negros) ser conquistado”*. (KAERCHER, 2010, p.90).

Outro fator importante que Nanã relata, é que *“temos que fazer o dobro para ter a metade do reconhecimento dos brancos”*. Nesse sentido, a professora coloca em questão todo o movimento que tem que fazer para que tenha reconhecimento não somente de seus colegas, como também da sociedade por ocupar um determinado cargo, que socialmente, não deveria lhe pertencer, provando que, por fazer parte de um determinado “status social”, é lhe atribuído uma cor, que neste caso passa a ser branca, conforme já dito por mim nesta investigação, fato reafirmado pelas palavras da professora Nanã.

Logo, a partir das respostas de professora Nanã, percebe-se que ela mesmo sendo educadora, formadora de professores e pesquisadora da área, ainda encontra dificuldades de ser vista com todos esses atributos, pois é marcada por sua identidade racial com maior visibilidade, pelo fato de se vestir e usar adornos africanos. Sendo assim, Nanã torna-se alvo de julgamento perante a cultura branca, porque a *“ [...] pedagogia da racialização educa racialmente e, mais do que isso, demarca um mundo de significações e representações”*. (KAERCHER, 2010, p.90).

#### 6.4 *É assim que eu me reconheço...*

Esta categoria de análise corresponde respectivamente à última resposta do questionário em que as professoras Oxún Pandá, Oxún Docô e Nanã mostraram, através dos seus auto-retratos, como se identificam racialmente. Abaixo, mostro cada auto-retrato e descrevo logo após as análises dos mesmos:



**Figura 5-** Auto-retrato Professora Oxún Pandá

Fonte: Acervo pessoal



**Figura 6-** Auto-retrato Professora Oxún Docó

Fonte: Acervo Pessoal



**Figura 7 –** Auto-retrato Professora Nanã

Fonte: Acervo pessoal

Na figura 5, a professora Oxún Pandá se descreve como uma professora jovem com traços negróides, cabelos volumosos e roupas que lembram a escola. Penso que seu auto-retrato, permite pensar em um posicionamento ainda em transição entre a fase da infância e da vida adulta, onde os conceitos de identidade racial ainda estão em processo de apropriação. Desse modo, fica claro como a professora Oxún Pandá havia mencionado no questionário, que sente dificuldade em discutir sobre o assunto racial, pois ainda precisa apropriar-se melhor dos conceitos de raça e identidade para si mesma.

Na figura 6, a professora Oxún Docô se descreve como negra com cabelos alisados, roupas bonitas com combinação, traços negróides e uma beleza evidenciada. O que chama atenção nessa imagem é que a professora escreve ao lado do auto-retrato a seguinte frase: *“Cabelo com progressiva , pois só assim pude usar solto. Caso contrário sempre preso!”*. Oxún Docô, descreve que seu cabelo negróide era um peso para si mesma, como se a ação de alisá-lo pudesse libertá-la de um problema. Desse modo, parece que sua pertença racial não está muito clara, pois carrega o cabelo como um definidor forte de seu pertencimento, necessitando explicar sua preferência em alisá-lo, como se esse procedimento diminuísse sua pertença racial negra .

Na figura 7, a professora Nanã, se descreve como uma pessoa simples, com cabelos cacheados e volumosos, uma mulher mais velha, roupas humildes, com traços negróides definidos. Deixando a entender que é evidente sua pertença racial de forma afirmada e legitimada.

### 6.5 Cabelo dá Legitimidade? Mais ou menos negro, liso e cacheado...

Esta última categoria de análise da pesquisa surgiu a partir das escolhas dos artefatos culturais feitas pelas professoras Oxún Pandá, Oxún Docô e Nanã, em virtude de que duas delas escolheram o creme para cabelos cacheados como significado de identificação racial, assim como também, na apresentação de seus auto-retratos onde ficou evidente para todas elas que o cabelo negróide parece um marcador identitário que legitima sua pertença racial. Partindo dessa idéia, busquei



compreender e me atentar ao fato de porque que o cabelo fica mais discrepante nas respostas das professoras, quando se auto-identificam como negras.

Dessa forma, tentando compreendê-las com um olhar atento e sensível, uso o posicionamento de Kaercher (2005) quando esta afirma que o cabelo demarca a constituição do sujeito como negro ou branco, assim como os outros traços fenotípicos: nariz, lábios e cor. Sendo assim, as professoras Oxún Pandá, Oxún Docô e Nanã se sentem negras pelo fato de terem cabelos com traços negroides, que marcam com legitimidade sua pertença a raça negra. Assim, fica evidente que o cabelo nesta investigação se tornou um definidor de identidade racial das professoras.

## 7. FIM DO PERCURSO?

Finalizo aqui meu percurso da monografia, com a idéia de que é um começo da caminhada de pesquisa acadêmica a cerca da temática de Identidade Racial Docente, pois a leitura dos questionários construídos por mim e subsidiados pelas leituras e interpretações dos referenciais estudados, me auxiliaram no processo de pensar, refletir e perceber que existem nessa investigação descobertas preciosas.

As descobertas as quais me refiro, mostraram que as três professoras sujeitas desta pesquisa nomeadas por Oxún Pandá, Oxún Docô e Nanã, se percebem como professoras negras obtêm semelhanças e diferenças com relação as suas próprias percepções de legitimação racial e que esses posicionamentos implicam em seus exercícios pedagógicos de dentro da sala de aula. No entanto, deixam claro que é preciso uma formação adequada a respeito da temática racial, para que obtenham subsídios necessários para promover esta discussão junto aos pares e aos alunos, necessitando trocas de conhecimento, conceitos e leituras sobre o assunto.

É relevante falar que a pertença racial não é um marcador sozinho, ou seja, ela está atrelada e contingenciada a fatores externos de constituição do sujeito como: identidade, formação, classe (status) , gênero, aparência, cor. Pois, esses fatores influenciam para que esse sujeito se defina, posicionando-se como branco ou negro perante a sociedade. Nesse caso as professoras condicionadas a todos esses fatores, se identificam como negras e estão cientes de que esses fatores influenciam em suas escolhas de pertença.

Outro fator importante a ser discutido nesta investigação, foi que percebi que o cumprimento da Lei federal 10639/03 que corresponde ao ensino obrigatório nas escolas públicas e privadas da História e Cultura Afro-Brasileira não está sendo efetivamente feito por todas as professoras. Pois ao ler suas respostas ao questionário, percebi que Oxún Pandá e Oxún Docô sentem dificuldade em trabalhar a temática em sala de aula, tendo em vista que uma percebe que precisa se apropriar melhor dos conceitos, mostrando necessidade de formação e a outra se sente limitada em discutir o tema racial na escola por sua instituição de trabalho ser privada e não pautar essa questão como importante na aprendizagem dos alunos.

Entretanto, destaco como aspecto positivo o fato de a professora Nanã estudar e ser formadora de professores com relação à questão racial, desenvolvendo trabalho de formação mesmo havendo resistência de seus pares (colegas de trabalho) nas instituições que atua.

Finalizando aqui minha monografia, mostro que a Identidade Racial das professoras Oxún Pandá, Oxún Docô e Nanã se relaciona com suas Identidades Docentes. Entretanto, percebo que ainda há implicações acerca dessa relação, influenciando seu processo de pertencimento, como por exemplo a família, a formação de cada professora, seus posicionamentos identitários, a classe à qual pertencem, os ambientes em que são desafiadas a discutir sobre a temática, o modo de se vestir, arrumar o cabelo, etc. Todos esses fatores diretamente implicam para que seu pertencimento racial seja legitimado para si mesmas e para a sociedade brasileira, uma vez que nela o pertencimento racial não é fixo, dependendo do lugar ao qual as professoras estiverem, podem ser vistas ou não como negras.

Reitero que a Identidade Racial não é algo fixo, ela permeia nossas vidas e influencia a ação pedagógica, variando conforme o lugar que o sujeito ocupa. Sendo assim a cor do sujeito define sua identidade perante o olhar do outro.

Dessa forma vejo a necessidade de continuar discutindo acerca da temática da Identidade Racial Docente, pois além de ser uma professora negra, penso que a partir dessa monografia contribuo para que se torne a temática das Relações Étnico-raciais e História da cultura Afro-brasileira assuntos relevantes para o crescimento e desenvolvimento ético, profissional e intelectual dos professores de todas as instituições de ensino público e privado deste país.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir nos estabelecimentos de ensino, a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 jan. 2003.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GOMES, Nilma Lino; OLIVEIRA, Fernanda Silva de; SOUZA, Kelly Cristina Cândida de. Diversidade étnico-racial e trajetórias docentes: um estudo etnográfico em escolas públicas. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 57-74.

\_\_\_\_\_; SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. O desafio da Diversidade. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. (Orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 13-34.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002. p.47-78.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Pedagogia da racialização ou modos como se aprende a “ter” raça e/ou cor. In: BONIN, Iara Tatiana; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Pedagogias sem fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010, p.85-92.

\_\_\_\_\_. **O mundo na caixa: gênero e raça no Programa Nacional da Escola- 1999**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 225 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Ambigüidade raça/classe e a mestiçagem como mecanismos de aniquilação da identidade negra e afro-brasileira. In: MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.91-96.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-46.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 7-72.

## APÊNDICES

### Apêndice 1 – Termo de Consentimento informado às professoras

---

#### Termo de Consentimento Informado

Sou Vanessa Rosa da Costa, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estou desenvolvendo meu trabalho de conclusão de curso (TCC), relacionado à pesquisa intitulada - *Identidade racial docente: trajetórias e desafios percorridos*, orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher, do Departamento de Estudos Especializados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo da pesquisa é investigar a relação entre a identidade racial e a identidade docente, buscando compreender as implicações presentes no exercício de docência das professoras entrevistadas. A pesquisa envolverá análise documental, leituras, observações e realização de entrevistas com quatro professoras de educação infantil ou ensino fundamental atuantes em diferentes instituições de ensino pública ou privada de Porto Alegre/RS e região metropolitana. As entrevistas serão realizadas mediante a autorização individual de cada professora. A pesquisadora compromete-se em manter sob sigilo a identidade, bem como de suas instituições. A pesquisadora irá respeitar as respostas das professoras entrevistadas e esclarecer quaisquer tipos de dúvidas que possam surgir no decorrer das entrevistas ou posteriormente através de seu telefone pessoal (51) 94122196 ou por email – [nessa.7865@gmail.com](mailto:nessa.7865@gmail.com).

Após ter sido informada sobre a pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas pessoais, eu \_\_\_\_\_ autorizo ser entrevistada, concordando com o sigilo de minha identificação pessoal na entrevista, que será publicada no trabalho da estudante. Sendo assim ( ) concordo ( ) discordo com a utilização das informações colhidas pela pesquisadora.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

---

Professora entrevistada

---

Pesquisadora

**Apêndice 2 – Questionário dado às professoras, sujeitos de pesquisa**

---

Nome da Professora: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Email: \_\_\_\_\_

Escola que atua: \_\_\_\_\_

**Questionário de entrevista para a professora**

1. Assinale, qual seu pertencimento racial?

( ) BRANCA ( ) NEGRA ( ) PARDA ( ) OUTRO

2. Você acha que seu pertencimento racial lhe define como sujeito na sociedade? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

3. Você lembra como se sentia em relação ao seu pertencimento racial na infância?

---

---

---

---

---

---

---

4. Como é a relação com sua família a respeito da seu modo de identificação racial?

---

---

---

---

5. Em sala de aula, quando você se apresenta aos alunos como se define racialmente? Por quê?

---

---

---

---

6. Você trabalha com a temática de identidade racial na sua escola? De que forma?

---

---

---

---

7. Você sente dificuldade em trabalhar esta temática em sala de aula? Por quê?

---

---

---

---

8. Você já sofreu discriminação racial durante ou após sua formação acadêmica? De que maneira?

---

---

---

---



9. Em algum momento de sua carreira você sentiu alguma decisão pedagógica sua ser questionada por critérios não pedagógicos?

---

---

---

---

10. Sua autoridade docente já foi desconsiderada em função da sua pertença racial? Como? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

11. Você já presenciou em sua sala de aula algum tipo de discriminação racial entre os alunos? Como você lidou com a situação?

---

---

---

---

---

12. Se você pudesse fazer algo diferente a respeito dessa temática, o que faria? Por quê?

---

---

---

---

13. Trouxe alguns artefatos para conversarmos sobre a sua identidade racial. Com qual ou quais destes objetos você se identificaria? Por quê?

---

---

- 
- 
14. Faça um pequeno auto-retrato seu usando estes materiais que aqui disponibilizo.